

Flip aponta literatura como esperança em meio à brutalidade

Feira literária na histórica Paraty subiu o tom e abordou temas como racismo, ódio, guerra e mudanças climáticas

Por Folhapress*

O que espanta a miséria é a festa, disse o escritor e historiador Luiz Antonio Simas logo na abertura da Festa Literária Internacional de Paraty, num encontro que evocou o orixá Exu “o senhor dos caminhos”, nas palavras dele. O evento começou na quarta-feira, dia 09, e terminou neste domingo, dia 13.

Estava dado ali o tom do evento deste ano. Os assuntos mais duros sempre estavam lá a mudança climática, a violência, o racismo, o ódio e a guerra. Mas, em vez de se perder no niilismo, uma nota de esperança sempre prevalecia, já que os convidados fugiram da resignação e apontaram a literatura como uma alavanca rumo à salvação.

Um exemplo foi o encontro com Édouard Louis, que cumpriu as altas expectativas que o antecederam como escritor mais incensado da edição tanto que foi o único que a curadoria de Ana Lima Cecílio deixou sozinho numa mesa.

Cecílio, aliás, estará de volta na edição de 2025, que acontecerá numa data entre agosto e outubro, a depender da prontidão com que patrocínios forem fechados.

O escritor francês lembrou sua infância violenta delineando um mapa de fuga para vítimas da dominação. “Os que são menos livres são os que conseguem se libertar”, disse ele. “Fugimos porque não temos escolha. A ausência de liberdade se torna a possibilidade de emancipação.”

Diante de uma plateia com a respiração presa, Louis pregou uma transformação não só de si, mas do mundo. E defendeu uma literatura de confronto que contribuía para esse projeto.

Mas o caso dele e de Simas foram só dois dos exemplos.

O encontro com Felipe Neto agradou



Edição deste ano acontecerá entre os dias 9 e 13 de outubro, com curadoria de Ana Lima Cecílio

a um público vasto, mobilizando uma multidão de crianças ansiosas por uma foto com o influenciador e sem dúvida será um dos momentos mais lembrados da edição. Com retórica bem-humorada e frases de efeito, Neto chegou de helicóptero sob forte esquema de segurança para pregar contra o capitalismo mas também viu redenção na leitura.

“É através dela que conseguimos desenvolver novos mundos, ver o mundo através de outros olhos, concatenar pensamentos”, disse.

‘Guerra dos sexos’

A crítica da melancolia apareceu em uma mesa cujo título fazia referência a uma “guerra dos sexos”. A crítica literária Lígia Gonçalves Diniz, que arrancou risos da plateia em diversos momentos, ironizou a carranca dos autores que a formaram como leitora os “hominhos” que a

fizeram achar que era legal ser sério e tristonho. Descobriu anos depois que não.

Em uma das mesas de tom mais grave da programação, a Flip aproximou a guerra conflagrada na Faixa de Gaza das enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul. O escritor palestino Atef Abu Saif discorreu sobre a função da escrita em meio à chance de não chegar vivo ao fim do dia. Mas a mesa deu menos atenção à morte do que ao instinto de vida e à extensão da memória através das palavras.

Ameaças ambientais

Mesmo falando de ameaças ambientais, a ativista indígena Txai Suruí numa mesa desfalcada de última hora pelo cacique Raoni perdeu ao público que não se entregasse à desilusão. “O que eles querem é que a gente acredite no fim do mundo e se entristeça para não conseguir lutar.”

A impressão é que a curadoria esteve

atenta a críticas que a festa literária recebeu muitas vezes ao longo dos anos. Por exemplo, de que a Flip se mostra desatenta ao noticiário mais palpitante desta vez, a festa incluiu até uma mesa extra para falar da recente onda de queimadas. Ou de que o evento deixou de ligar para nomes mais célebres e atrativos em prol de uma intelectualidade mais desafiadora ao público que não era iniciado.

Isso porque esta edição foi generosa com autores e abordagens populares, surfando em um público cativo, investindo em literatura acessível e muito acessada sem deixar de levar esses autores absolutamente a sério o maior exemplo foi Carla Madeira, autora de “Tudo É Rio” e principal best-seller do Brasil.

Na entrevista coletiva de encerramento, Cecílio não pestanejou em dizer que acharia fantástico ter Paulo Coelho em sua próxima aventura curatorial.

‘De volta ao tempo’

A sensação, comentava-se nas ruas, era de uma “Flip de antigamente”, porque várias cenas pareciam de outros tempos. Édouard Louis, que ficou três dias em Paraty, virou figurinha carimbada nas ruas e em festas da cidade. Foi vorazmente tiedado e respondeu com simpatia, tirando selfies e conversando com todos que se aproximavam e ensaiou dancinhas.

Claro, nem tudo é festa em um evento desse porte. A mesa da outra estrela internacional da festa, o premiado senegalês Mohamed Mbougar Sarr, ficou aquém das expectativas e o escritor não teve chance de desenvolver pontos cruciais de sua obra como Louis teve.

A escolha da curadoria foi colocá-lo numa mesa com Jefferson Tenório. Tenório é um dos melhores escritores brasileiros em atividade e falou com desenvoltura, mas está próximo ao público brasileiro e em breve embarca em nova turnê de lançamento o tempo para ouvir Sarr, em bola dividida com ele, já era precioso e acabou reduzido.

O senegalês é autor de um romance de grande originalidade, “A Memória Mais Recôndita dos Homens”, no qual faz uma declaração de amor à literatura, mas também tece contundentes críticas à cena literária, nas quais ninguém é poupado.

A conversa com ele passou ao largo, por exemplo, de seus ataques ao mercado editorial e se perdeu em leituras desnecessárias e digressões longas. Na programação paralela numa mesa mediada pelo humorista Gregório Duvivier, por exemplo, ele mostrou que teria dado certo sozinho.

Mas o saldo é positivo, depois de edições que sofreram as consequências da pandemia. A Flip dá sinais de que quer continuar a trazer reflexões, emoção e, sobretudo, resgatar um traço fundamental a festa.

Por Anna Virginia Balloussier, Bárbara Blum, Fernanda Mena, Maurício Meireles, Paola Ferreira Rosa e Walter Porto

Adeus a Washington Olivetto, publicitário morreu aos 73 anos

Adriano Vizoni/Folhapress

Washington Olivetto era o maior garoto-propaganda de si mesmo. E poderia haver alguém melhor? O publicitário, que morreu neste domingo (13), às 17h15, aos 73 anos, seduzia (“Publicidade é sedução”, costumava dizer), provocava e alegrava o Brasil com seu trabalho e sentia um prazer especial em falar sobre sua vida, sua história e seus feitos que não são poucos.

O publicitário ficou quase cinco meses internado no hospital Copa Star, no Rio, por complicações pulmonares. Morreu de falência múltipla de órgãos.

“Washington Olivetto não é apenas um ícone da publicidade em todo o mundo, mas uma figura popular do Brasil. Um dos publicitários mais premiados de todos os tempos. Conquistou mais de 50 Leões no Festival de Publicidade de Cannes, apenas na categoria filmes, e é o único latino-americano a ganhar um Clio em 2001”, anunciava-se assim, em sua página oficial na internet.

É tudo verdade. Não mentiu, não aumentou. No universo da publicidade, Olivetto foi um dos maiores da história. E sabia disso, o que não significava que fosse soberbo, “nose up”, para usar uma expressão em inglês que ele facilmente trocava por outra, em português: o bom e velho “nariz em pé”.

Isso ele não era, mas deixava claro que sabia de sua capacidade criativa e da importância que teve para a publicidade nacional e mundial. “Me acho um sujeito humilde, mas não o modestinho”, afirmava.

Era um bon vivant, que via a mesma graça no sanduíche de linguça de Milton Gonzalez, o Uruguaio do Posto Nove de Ipanema, quanto na bouillabaisse do bacanésimo Tetou, em Cannes, fechado desde 2018. Olivetto vivia lá. Ele também era habituê do Frevo e do Ponto Chic, em São Paulo, e do Beco do Rato, bar popular com roda de samba, no bairro carioca da Lapa.

E do finado Astor de Ipanema, bairro onde tinha um apartamento à beira-mar (de frente para a barraca do Uruguaio, ex-

lado político no Brasil, de quem acabou virando amigo e escreveu a orelha de sua biografia). Ele sabia que esse mix lhe dava um background importante para quem faz propaganda.

Não aguentava gente da área que só falava em trabalho e frequentava os mesmos lugares sofisticados, sem se misturar.

“Sempre tive o mesmo interesse por aquilo que é considerado intelectualizado e por aquilo que é considerado vulgar, sempre fui do útil ao fútil”, escreveu, em sua biografia “Direto de Washington”.

Voltando à aversão de Olivetto pelo anglicismo exagerado: ele detestava esse tipo de coisa. Brasileiro que se acha inteligente porque salpica palavras em outra língua numa conversa o tiravam do sério.

“Casual friday? Ah, para com isso! Não tem nada mais ridículo”, disse certa vez, quando ouviu um comentário sobre a liberação de roupas mais despojadas às sextas-feiras em grandes empresas brasileiras.

Da Lapa para o mundo

Descendente de italianos da região da Ligúria, nasceu no bairro da Lapa, na cidade de São Paulo, e cursou comunicação e psicologia, mas não chegou a se formar. Sua carreira começou em 1969, aos 18 anos, como redator em uma agência de publicidade, na qual foi procurar vaga como estagiário ao ter o pneu de seu carro furado em frente à empresa.

Ele disse, mais de uma vez, que “não aguentava mais” contar sobre seu início sui generis na propaganda ao pedir um estágio em situação peculiar, mas não hesitava em repeti-la, em detalhes, quando perguntado. E também em seus livros.

Adorava contar suas histórias e não via problemas em admitir que se amava, assim como amava a carreira; a mulher, Patricia Viotti; os filhos, Homero, Theo e Antonia; o Corinthians, e as carnes da churrasceria Rodeio. “Que sou vaidoso, obviamente é verdade”, afirmou, em entrevista à revista Trip.



Washington Olivetto

Tanto gosto por falar de si próprio acabou rendendo uma farta produção literária em que o assunto era, na maioria das vezes, ele mesmo. Só de biografias a seu modo, com textos curtos, cheios de referências, bastidores de grandes campanhas e narrações de experiências de vida e viagens foram quatro: “O que a Vida me Ensinou”; “Direto de Washington” e sua continuação “Direto de Washington: Edição Extraordinária”, além de “Os Piores Textos de Washington Olivetto”.

O Corinthians, time do coração e uma paixão herdada de seu tio Armando, mereceu também sua atenção editorial. Sobre o clube, do qual foi vice-presidente de marketing e um dos fundadores do movimento Democracia Corinthiana, nos anos 1980, escreveu “Corinthians x Outros” e “Corinthians É Preto no Branco”, este com Nir-

lando Beirão. Em 2013, a escola de samba Gaviões da Fiel o homenageou em seu desfile de Carnaval, cujo tema foi a história da publicidade brasileira.

Leitor voraz, creditava à infância em meio aos livros boa parte de sua aptidão para a escrita, a publicidade e a comunicação em geral. O pendor para as vendas teria vindo do pai, um dos responsáveis pela implantação da fábrica de pinceis Tigre. “Os clientes do meu pai tinham tanta confiança nele que ele não vendia. Os caras é que compravam”, declarou.

Percebeu na adolescência que poderia juntar a paixão pelas letras com o ato de vender. Decidiu então tentar ser publicitário. “Aprendi a ler muito cedo, com cinco anos, e sempre gostei de escrever. Tanto que queria escrever para todas as mídias, jornal, revista, rádio, televisão”, contou, certa vez.

Foi com essa idade que teve uma febre altíssima e ficou um ano sem poder andar. Depois de consultar diversos médicos e, sem um diagnóstico preciso, tia Lígia que trabalhava no Samdu, o Serviço de Assistência Médica Domiciliar e era mulher de Armando, aquele tio corinthiano concluiu: o sobrinho, a quem chamava carinhosamente de Os-tinho, poderia ter paralisia infantil.

O tratamento: quase um ano na cama, imobilizado, para afastar o risco de ter alguma distensão que o fragilizaria ainda mais quando a doença se manifestasse. Passou todo esse tempo lendo o que caísse em suas mãos.

Passou a devorar livros, de Monteiro Lobato (“todos”) a Scott Fitzgerald. E sua bíblia: “O Apanhador no Campo de Centeio”, de J.D. Salinger. A doença, que bom, nunca se manifestou. “Depois de dez meses perceberam que eu estava muito bem”, lembrou, em entrevista a Mônica Bergamo, na Folha, em agosto de 2019. Liberado, teve que reaprender a andar.

A vida profissional, iniciada na agência HGP, a tal onde pediu o estágio ao ter o carro do pneu furado (“O senhor está no seu dia de sorte, meu pneu não costuma furar duas vezes na mesma rua”, disse, cheio de si ao dono, que prontamente o contratou), começou em grande estilo. Três meses depois já havia produzido seu primeiro comercial, com o qual conquistou o Leão de Bronze no Festival de Publicidade de Cannes.

Começou a ficar conhecido no meio publicitário e não tardou para ser contratado pela DPZ, onde, em 1974, ganharia o primeiro prêmio Leão de Ouro da publicidade nacional, no mesmo festival. Foi na DPZ que conheceu aquele a quem chama de seu mentor: Francesc Petit (a letra P; as outras iniciais são dos sobrenomes de Roberto Duailibi e Jose Zaragoza).

Por Cleo Guimarães (Folhapress)